



DEZEMBRO 2008 • XLIII • nº 417

CONVERGÊNCIA

- O profeta Amós e os direitos humanos
- Uma espiritualidade para o nosso tempo
- Vida Religiosa provisória: um desafio a ser enfrentado
- Confissão de um formador

Sumário

Editorial

Natal – tempo de deixar-se iluminar e tornar-se luz..... 729

Palavra da CRB-Nacional

O novo lugar da CRB-Nacional: mais uma vez o símbolo das águas..... 733

Informes

Curso de Teologia para Contemplativas. PROFOCO 2004-2008 736

Artigos

O profeta Amós e os direitos humanos – MAURICIO BURBANO A., SJ..... 741

Uma espiritualidade para o nosso tempo. Experiência que brota da
Palavra de Deus e da contemplação da realidade – MERCEDES LOPES, MJC 751

Vida Religiosa provisória: um desafio a ser enfrentado – JOÃO MENDONÇA, SDB 760

Confissão de um formador – GIOVANNI CIPRIANI, CP..... 769

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de Irineu Anderson S. Pereira, sur, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nessa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulos e discípulas de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com razoável força e criativa fidelidade.



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL

Ir. Ires L. Pontim, fsp

MTb 10.764

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO

Coordenadora:

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Conselho editorial:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Maria Freire, icm

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Francisco Taborda, sj

Pe. Jaldemir Vitória, sj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3235-2991 / 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin

Ana Cecília Mari

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2008: Brasil: R\$ 84,00
Exterior: US\$ 84,00 ou correspondente em R\$ (reais)

Natal – tempo de deixar-se iluminar e tornar-se luz

729

EDITORIAL

*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas
por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez.
Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens;
a luz resplandece nas trevas,
e as trevas não prevaleceram contra ela (Jo 1,1-9).*

Os primeiros cinco versículos do evangelho de João fazem chegar até nós uma reflexão ímpar sobre a vinda do Filho de Deus ao mundo. Em vez de uma descrição *histórica*, João nos traz o enfoque da Luz. A Palavra em si retém o próprio potencial, mas uma vez convertida em ação ilumina, aponta caminhos, manifesta vida.

Ao celebrarmos o nascimento de Jesus, não podemos ser meros espectadores do “presépio” ou das vitrines multicoloridas com suas mais variadas ofertas sedutoras. Celebrar o Natal leva-nos a contemplar o mistério da encarnação do Filho Amado, a olhar para Maria e José. É convite a renovar nosso discipulado, caminhando sob a “LUZ vinda ao mundo” que nos torna pequenas lamparinas de seu amor, iluminando os caóticos apagões deste mundo.

A Belém que acolheu o nascimento do Salvador, embora mencionada nas Escrituras para lembrar de onde veio o grande rei Davi, era pouco mais que uma simples aldeia, e dela não se fala mais no Novo Testamento. Do mesmo modo, as beléns atuais são discretas, quase desconhecidas e de pouca importância. Jesus se manifesta hoje em lugares e situações onde a vida é ameaçada, a pessoa humana é descartada, a obra de Deus é desvalorizada. E é nessas realidades que sua Luz irradia na ação profética de muitas pessoas que abrem o coração e compreendem o grande significado de serem portadoras da Palavra que ilumina.

A Assembleia Geral das Nações Unidas deu ao mundo inteiro uma prova de como é possível ser luz nos porões da humanidade, quando, no dia 10 de dezembro de 1948,

aprovou a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Há exatos sessenta anos, após viver dolorosas e trágicas experiências de desvalorização de pessoa humana, a ONU proclamou os trinta artigos que passaram a nortear as atitudes de prática da justiça e busca da paz entre os povos.

Na mais recente publicação da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, a CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviços¹ nos oferece a possibilidade de, paralelamente aos artigos, confrontarmos textos bíblicos que nos ajudam a perceber os desejos de Deus para a qualidade de vida daqueles que criou à sua imagem e semelhança.

O conteúdo do n. 417 de *Convergência* quer sintonizar a Vida Religiosa Consagrada com este fato histórico de grande relevância para a humanidade. É por isso que o primeiro artigo nos traz uma leitura bíblica dos direitos humanos segundo a profecia de Amós. No artigo “O profeta Amós e os direitos humanos”, padre Mauricio Burbano, sj, nos leva a uma contextualização de Amós nos planos econômico, político e religioso do reino de Israel, tendo como pano de fundo os direitos humanos. A denúncia profética e a defesa da vida são a tônica principal, que, partindo da realidade de Israel no tempo de Amós, projeta-se no nosso século, ajudando-nos a perceber que

os elementos de morte, como a injustiça, a violência econômica, a desigualdade social, as guerras, o trabalho escravo e tantas outras formas de escravidão são realidades atuais... Somos desafiados a empunhar a mesma bandeira do profeta, e como ele lutar pelo respeito à dignidade humana.

Ao abordar o tema “Uma espiritualidade para o nosso tempo”, irmã Mercedes Lopes, mjc, dá-nos uma panorâmica sobre as necessidades que nos dias atuais levam as pessoas a buscar uma *espiritualidade*, ou seja, um caminho que ajude a ligar-se com o transcendental. Como quase tudo, as várias formas de intercomunicação e comércio também tentam responder à necessidade do ser humano de banir o sofrimento e buscar a felicidade. A Vida Religiosa Consa-

1. Disponível em:
<www.cese.org.br>.

grada também recebe tais influências e não raro se rende a elas.

Para nós, o texto deixa claro que é impossível viver uma espiritualidade autêntica dissociada da realidade, e na realidade onde fazemos história, o sofrimento, a dor, os desafios são constantes. Mesmo assim, em meio a tudo isso o nosso gesto profético é anunciar que a vida vale mais. A leitura orante da Palavra de Deus pode conduzir-nos a um itinerário espiritual capaz de tornar-nos testemunhas de novas relações, sendo ponte para que outras pessoas vivam a mesma dinâmica.

Ao trazer à baila a transitoriedade com que é assumida atualmente a Vida Religiosa Consagrada, padre João Mendonça, sdb, através do texto “Vida Religiosa provisória: um desafio a ser enfrentado”, evidencia alguns questionamentos de fundo e nos conduz a uma tomada de atenção para os possíveis motivos que podem levar pessoas a assumir a Vida Religiosa *apenas* como um meio de realização pessoal. Questões de identidade, argumentação de valores, novos movimentos religiosos são alguns dos aspectos que necessitam de atenção e aprofundamento. O artigo traz, também, um quadro sobre os paradigmas da Vida Religiosa Consagrada à luz do *Documento de Aparecida*.

“Confissão de um formador”, de padre Giovanni Cipriani, passionista, é uma partilha de sua experiência concreta como formador e acompanhante de jovens que buscam a Vida Religiosa Consagrada para realizar o projeto de Deus em suas vidas. Num texto simples e claro, o autor apresenta o seu ponto de vista sobre os critérios de indicar alguém para acompanhar jovens em formação e aspectos que considera importantes para um processo formativo sólido.

Neste número de *Convergência* trazemos apenas um *Informe*: Curso de Teologia para Contemplativas – PROFOCO. Ao concluir o programa de cinco etapas, irmã Maria Helenita Sperotto, icm, faz memória histórica da modalidade que existe há 26 anos, com o objetivo de oferecer aos institutos

femininos de Vida Religiosa Contemplativa a oportunidade de aprofundar temas de seu interesse e necessidade.

O ano de 2008 foi para a CRB-Nacional um *ano de travessia*. Processo desencadeado a partir de uma necessidade de mudança, assim como ocorreu com o povo hebreu. A nossa chegada à terra prometida está em sua primeira fase: organização, adaptações, aprendizado. Irmã Márian Ambrosio, presidente nacional, com a mensagem “O novo lugar da CRB-Nacional”, por meio da simbologia das águas, nos faz percorrer o itinerário até o momento atual da nova configuração.

Assim, leitoras e leitores de *Convergência*, nosso presente para a Vida Religiosa Consagrada é esta oportunidade de conhecimento e partilha, pela qual deseja transmitir as luzes do Grande Iluminador. Do mesmo modo que o Verbo/ Palavra de Deus se fez Luz para os povos, as palavras de *Convergência* querem ser iluminadoras dos nossos caminhos para que nossa ação profética seja fecunda e portadora de esperança e vida nova.

CONSELHO EDITORIAL

O novo *lugar* da CRB-Nacional: mais uma vez o símbolo das águas

733

PALAVRA DA CRB NACIONAL

A revista *Convergência* destina este espaço, por tradição, a um pronunciamento do Santo Padre, ou a uma data significativa. Por sugestão do Conselho Editorial, este mês a própria CRB-Nacional é tema das linhas que seguem, desejando traduzir em palavras a força simbólica da transferência de sua sede nacional da cidade do Rio de Janeiro para Brasília.

O território geográfico em que se situa o Distrito Federal é cheio de surpresas. Chamado de *coração do Brasil*, pode ser, de verdade, apontado como um *lugar central*, um *eixo catalisador*.

Escolhi um fenômeno da natureza para simbolizar o lugar, o momento e a utopia da CRB-Nacional. A aproximadamente quarenta quilômetros da atual sede nacional da CRB, situa-se uma unidade de conservação da natureza chamada de *Águas Emendadas*. Ocorre aí um extraordinário fenômeno hidrográfico: o nascimento de duas grandes bacias continentais, vertendo de um mesmo ponto.

Em uma vereda de aproximadamente seis quilômetros de extensão, afloram dois córregos em lados opostos: o córrego Vereda Grande corre para o norte e encontra o rio Maranhão, que vai alimentar o caudaloso rio Tocantins. O córrego Brejinho corre para o sul, engrossa o córrego Fumal, que corre para o rio São Bartolomeu, depois para o rio Corumbá, deságua no Paranaíba e forma, então, o rio Paraná. Se considerarmos a *Mesorregião de Águas Emendadas* (que compreende 99 municípios), fica incluída também neste fenômeno a nascente do rio São Francisco.

734

Ao conhecer essa realidade, eu a experimentei como um espelho, uma motivação para nós: as(os) superiores(es) maiores, reunidas(os) na assembleia geral de julho de 2007, ao decidirem transferir a sede nacional da CRB para a Capital Federal, apontaram para uma maior centralidade, melhores possibilidades de comunicação e de encontro, facilidades para tecer redes e parcerias e para favorecer a intercongregacionalidade. A expressão *águas emendadas* é uma luz e um símbolo. O manancial que alimenta as fontes locais é único e, no caso dessa reserva natural, ainda preservado e promissor de vida.

A identidade da CRB-Nacional, espelhada nesse reflexo da ação providente de Deus Criador, sustenta-se no ideal de gerar comunhão entre as diversas comunidades institucionais que a constituem. Desde um lugar central, as águas de nossa vida correm para o norte e para o sul, para o leste e para o oeste...

Juntamente com essa lição de vida que as *águas emendadas* nos presenteiam, quero, em nome da diretoria, da comissão executiva, do conselho superior e do conselho fiscal da CRB-Nacional, partilhar alguns reflexos da itinerância que experimentamos enquanto buscamos pisar com mais firmeza e segurança *no novo lugar* da CRB.

O *lugar físico* é localizado com facilidade: basta subir as escadas rolantes da Rodoviária Central de Brasília. A construção do *lugar afetivo* pede mais tempo, mais cuidado, pois identidade não se alcança via escada rolante! O *lugar missão* veio junto, pois é resultado do esforço sistemático de meio século de busca pela definição da finalidade primeira da CRB. Onde quer que esteja, a CRB é vocacionada a animar, integrar, “emendar”, como as águas da reserva natural assim denominada! O *lugar comunhão*, principalmente com a presidência da CNBB, tem sido vivenciado como diálogo, acolhida, partilha de experiência, principalmente como edificação da Igreja comunidade.

A transferência da sede, experimentada como itinerância, proporciona igualmente a chance pela reopção do *lugar teo-*

lógico da Vida Religiosa Consagrada: o testemunho, a profecia, a radicalidade no seguimento de Jesus.

Hoje, ao constatar-mos que a CRB já tem sua sede nacional instalada em Brasília, contemplamos, com olhar agradecido, alguns momentos de fundamental valor: *a atenção demonstrada às pessoas que trabalharam na sede do Rio de Janeiro e que foram demitidas; o cuidado pela preservação do patrimônio da Conferência; a pobreza do começo em Brasília, onde a atual sede carece de reformas estruturais e de várias melhorias; a opção por oferecer a possibilidade de viver em comunidade intercongregacional às(aos) religiosas(os) a serviço da CRB cujas congregações não possuem residência na Capital Federal e os critérios de profissionalidade na composição da nova equipe de trabalho.* Acima de tudo, fazemos a experiência da solidariedade anônima de irmãs e irmãos que, de todos os lugares do Brasil, estendem sua mão em sinal de presença ativa e generosa.

Três eventos merecem destaque ao final destas linhas: *a celebração de envio, carinhosamente preparada pela Regional Rio de Janeiro, ocorrida em 28 de agosto na capela do Colégio Marista onde a CRB foi fundada; a celebração de acolhida, carinhosamente preparada pela Regional Brasília, que, ao final de sua assembléia em 28 de setembro, deslocou em carreata todas(os) as(os) religiosas(os) participantes até a nova sede nacional, para o grande abraço de boas-vindas; a bênção da residência da CRB em Brasília, carinhosamente preparada pela comunidade intercongregacional, ocorrida em 16 de outubro, marcando o início da possibilidade de acolhida das equipes que contribuem com a CRB-Nacional.*

Diga a esta geração: avance! (Ex 14,15)

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, DP
PRESIDENTE DA CRB-NACIONAL

Curso de Teologia para Contemplativas. PROFOCO 2004-2008

Ao apresentar a conclusão do Curso de Teologia para Contemplativas, fazemos breve memória histórica do PROFOCO – Programa de Formação para Contemplativas.

Desde 1967 havia o Centro Informativo das Contemplativas, com sede em Belo Horizonte, com a finalidade de promover a articulação, a comunicação entre as casas e a circulação da documentação sobre os valores comuns da Vida Religiosa em geral e Contemplativa. No VI Encontro Nacional promovido por este Instituto, em 1979, estando presentes 113 monjas, foi encaminhado à CRB-Nacional o pedido de um Programa de Formação para Contemplativas. A Conferência dos Religiosos do Brasil recebeu com satisfação o pedido e tomou as providências.

Graças ao empenho dos presidentes da CRB-Nacional, sobretudo de padre Marcelo Azevedo, sj (1968-1977), e padre Décio Baptista Teixeira, sdb (1977-1983), em 1982 obtiveram aprovação de Roma através do cardeal Eduardo Pirônio, então pró-prefeito da Sagrada Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. A partir de então, a CRB-Nacional integrou na sua programação o PROFOCO. O presidente, irmão Claudino Falchetto, fms (1983-1989), no ano de 1983, remeteu as cartas do cardeal Pirônio e o programa do PROFOCO aos bispos das dioceses do Brasil. Assim, desde essa época todas as diretorias vêm apoiando o programa.

Lembramos que a Conferência dos Religiosos do Brasil é a única Conferência que mantém um programa de formação para contemplativas. O PROFOCO existe há 26

anos, tempo em que tem promovido cursos, seminários e encontros. Os custos têm sido mantidos pela CRB-Nacional, pelas irmãs contemplativas e por ajudas de projetos de instituições beneficentes. Diante das dificuldades econômicas dos mosteiros, o Curso de Teologia realizado em cinco módulos, de 2004 a 2008, foi em grande parte assumido pela CRB-Nacional.

O objetivo geral do Curso de Teologia é oferecer à Vida Religiosa Feminina Contemplativa um curso de atualização teológica abrangente, para atender seus apelos e sonhos de formação.

Módulos e temas

Módulo I – de 6 a 20.11.2004

Tema: Bíblia

- Dinâmicas de integração.
- Orientações metodológicas.
- Introdução à Bíblia. Êxodo e formação do Povo de Deus. Monarquia e profecia.
- Livros sapienciais, exílio e salmos.
- Visão geral do Novo Testamento: formação dos livros. Contexto. Jesus de Nazaré: Reino e missão.
- Primeiras comunidades cristãs.

Módulo II – de 1º a 15.9.2005

Tema: A Palavra de Deus na vida das comunidades

- Evangelhos sinóticos.
- Dinâmicas de integração e reapropriação do *Módulo I*.
- Salmos.
- Escritos joaninos.
- Epístolas católicas e paulinas.

738

Módulo III – de 1º a 15.9.2006

Tema: Cristologia e eclesiologia

- Dinâmicas de convivência.
- Socialização do *Módulo II* na comunidade.
- Cristologia.
- Eclesiologia.
- Vida Religiosa Consagrada Contemplativa.
- Vida Religiosa Consagrada na Igreja.

Módulo IV – de 1º a 15.9.2007

Tema: Espiritualidade e liturgia. Práxis cristã

- Dinâmicas: aprofundamento do conhecimento.
- Proveito pessoal e comunitário do *Módulo III*.
- Religiosidade: diálogo religioso e inter-religioso.
- Dimensão do sagrado, religiosidade popular e afro-indígena.
- Espiritualidade e mística: espiritualidades. Características das espiritualidades das ordens contemplativas. Como ler os místicos da Vida Religiosa Consagrada Contemplativa.
- Liturgia: liturgia da Igreja. Eucaristia. Liturgia e a relação com a Vida Religiosa Consagrada Contemplativa.
- Liturgia das Horas.

Módulo V – de 1º a 15.9.2008

Tema: Acompanhamento e orientação espiritual

- Dinâmicas: o caminho no Curso e discipulado de Jesus na diversidade dos carismas, reapropriação do *Módulo IV*.
- Fundamentação teológica e psicopedagógica do acompanhamento: na escola de Jesus.
- Experiência do acompanhamento: papel e preparo pessoal e psicológico do acompanhante. Relação acompanhante/acompanhado(a) – Prática.
- Discernimento e consciência moral e ética.

- Como tomar uma boa decisão.
- Liturgia das Horas: aprofundamento.
- Retiro.
- Entrega de certificados.

Participação geral no Curso de Teologia: 82 irmãs: 32 nos cinco módulos; nove em quatro módulos e 41 de um a três módulos. Representantes de um total de 41 mosteiros das seguintes ordens:

- Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, ocd: carmelitas.
- Ordem Beneditina do Brasil, osb: beneditinas.
- Congregação das Religiosas da Paixão de Jesus Cristo, cp: passionistas.
- Ordem das Irmãs Clarissas Capuchinhas, occ: clarissas capuchinhas.
- Ordem de Santa Clara, osc: clarissas.
- Ordem da Imaculada Conceição, oic: concepcionistas.
- Ordem das Monjas Beneditinas da Rainha dos Apóstolos, osb: beneditinas.
- Ordem do Bom Pastor, cbp: do Bom Pastor.
- Ordem da Visitação de Santa Maria, vsm: da visitação (somente em 2005).

Conforme a avaliação realizada no final do curso, as irmãs contemplativas são imensamente gratas por esta atenção da CRB e esperam continuar contando com o PROFOCO. Segundo elas, o Curso de Teologia foi um processo desafiador e de crescimento humano em todas as dimensões. Favoreceu o reconhecimento da beleza, do tesouro e da peculiaridade de cada carisma suscitado pelo Espírito Santo na Igreja. Sentiram-se impulsionadas a se aprofundar na Palavra de Deus e a viver o essencial da vocação e consagração de irmãs contemplativas. Sentiram-se reconvidadas a dar uma resposta madura ao apelo do Senhor como discípulas e missionárias do Reino.

Com a conclusão desse Curso de Teologia, a CRB e as ordens contemplativas dedicarão o ano de 2009 para repensar a caminhada do PROFOCO.

A atual Equipe do PROFOCO está assim constituída:

- Frater Henrique Cristiano José de Matos, cmm, Igarapé-MG.
- Irmã Maria José do Menino Jesus, ocd, Sete Lagoas-MG.
- Irmã Maristela Matos, osb, Belo Horizonte-MG.
- Irmã Sueli Castro de Silveira, Oscanópolis-GO.
- Frei Geraldo Afonso, ocd, carmelita descalço.

Assessores referenciais na CRB-Nacional:

- Padre Mário César do Amaral, sac.
- Irmã Francinete Amorim, imc.

IRMÃ MARIA HELENITA SPEROTTO, ICM

O profeta Amós e os direitos humanos

741

ARTIGOS

MAURICIO BURBANO A., SJ*

Este texto evoca a crítica do profeta Amós ao poder econômico e político-religioso do Reino de Israel. Será o pano de fundo para falar sobre “Amós e os direitos humanos”. Nas palavras de hoje, pode-se afirmar que Amós foi defensor dos direitos humanos. Evidentemente, a terminologia “direitos humanos” pertence ao nosso tempo histórico e não se pode remetê-la integralmente ao tempo histórico do profeta. Entretanto, a defesa do ser humano em Amós tem relação com os direitos humanos por duas razões: em primeiro lugar, é uma defesa que não se limita a Israel, mas se apresenta com *caráter universal*. Em segundo lugar, tal defesa de caráter universal se relaciona com a defesa da vida.

O livro de Amós, apresentando sua mensagem no contexto social e religioso do Povo de Deus (YHWH)¹ do século VIII a.C., nem por isso deixa de estar relacionado com as dores que a humanidade experimenta em nossos dias. Nesse sentido há algo a dizer-nos, em especial quando celebramos os sessenta anos da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, em meio a um panorama mundial em que falta muito para que seja uma realidade para cada habitante do planeta.

Crítica de Amós ao seu tempo

A pregação de Amós aconteceu no tempo em que Ozias reinava em Judá (Reino do Sul) e Jeroboão II em Israel (Reino do Norte). Tanto Judá quanto Israel estavam sob o poderio do Império Assírio.

* **Padre Maurício Burbano A.** é religioso jesuíta equatoriano, graduando em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, em Belo Horizonte-MG; licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidad Javeriana, em Bogotá (Colômbia); especializado em Ciências Sociais, na área de Cultura e Sociedade, pela Pontifícia Universidad Católica del Ecuador, em Quito. **Endereço do autor:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127, Planalto, CEP 31720-300, Belo Horizonte-MG. E-mail: mburbano@jesuits.net. Tradução do original: Ronilson Braga, sj. Revisão: Eduardo Roberto Severino, sj.

1. O nome de Deus se revela no Antigo Testamento com o

tetragrama YHWH (Ex 3,14). A Bíblia da CNBB usa a palavra SENHOR (com maiúsculas) quando se refere ao tetragrama sagrado.

2. VITÓRIO, Jaldemir. História de Israel na pregação profética de Amós. In: FARIA, Jacir de Freitas (Org.). *História de Israel e as pesquisas mais recentes*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 125.

3. Id., *ibid.* p. 126.

4. SILVA, A. da. *Amos: un prophète "politiquement incorrect"*. Montreal: Médiaspaul, 1997. p. 15.

5. Id., *ibid.*

6. VITÓRIO, Jaldemir. História de Israel na pregação profética de Amós, *cit.*, p. 127. Dt 28.

7. CERESKO, A. R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*. São Paulo: Paulus, 1996. p. 193.

8. SILVA, A. da. *Amos: un prophète "politiquement incorrect"*, *cit.*, p. 28.

Amós era pastor, vaqueiro e cultivador de sicômoros (Am 1,1; 7,14). Apesar de ser originário do Reino do Judá (Té-cua), a pregação dele se dirigirá ao Reino do Norte (Israel). Sua atividade variada, que ia da sedentária (agricultor) à nômade (pastor e vaqueiro), possibilitou-lhe conhecer diferentes pessoas e contextos sociais.² Noutras palavras: o profetismo de Amós não é "etéreo", mas diz respeito a uma realidade concreta.³ Esse compromisso o levou a ser crítico do poder econômico e político-religioso de seu tempo.

Crítica ao poder econômico

O reinado de Jeroboão II (787-747 a.C.) foi dos mais prósperos da história de Israel. Depois de anos de batalha militar com Judá e potências vizinhas, Israel gozava de relativa calma. Graças ao comércio com Arabá, Fenícia e mar Vermelho, a riqueza do reino aumentou e as atividades têxteis floresceram.⁴ Porém acentuava-se a desigualdade social. As escavações arqueológicas realizadas na região da Samaria testemunham a existência de moradias miseráveis junto a um bairro residencial rico, dando mostras do surgimento de um proletariado urbano.⁵

De um lado, a *teologia da retribuição* interpretava a prosperidade econômica como sinal de benevolência divina. Se o povo fosse fiel e tivesse uma conduta concorde com os desígnios de Deus, teria como recompensa a bênção, a paz e a prosperidade. Se fosse infiel, tornar-se-ia merecedor do castigo divino.⁶ Amós, porém, denunciou essa prosperidade como ilusória, ao constatar que somente uma pequena parcela da população usufruía dela.⁷ Ao desafiar a visão teológica do tempo, sem dúvida foi considerado ímpio e louco.⁸ Como alguém se atrevia a afirmar que a prosperidade do reino não era sinal da benevolência e da complacência divina?

Amós criticou os comerciantes exploradores que se refugiavam no ritualismo religioso:

Ouvi isto, os que esmagais o pobre, que excluís os humilhados do país! "Quando vai passar a festa da lua nova — dizeis —, para negociarmos a mercadoria? Quando vai passar o sábado,

para expormos o trigo, diminuir as medidas, aumentar o peso, utilizar balanças mentirosas, comprar o fraco por dinheiro, o indigente por um par de sandálias, para negociarmos até o farelo do trigo” (Am 8,4-6).

Os comerciantes cumpriam os preceitos religiosos da *lua nova* (prescrito uma vez ao mês) e do *sábado* (dia de descanso). Nessas festividades religiosas abstinham-se de fazer negócios. Entretanto, embora cumprissem ritualmente o preceito, não o faziam de coração, por cobiçarem o dinheiro e o lucro, às custas da exploração do próximo.

Crítica ao poder político-religioso

Amasias, chefe dos sacerdotes de Betel, atuava como funcionário do rei, esquecendo sua condição de servidor de Deus. Esse sacerdote vê em Amós uma ameaça para a segurança político-religiosa do reino. Por isso tenta afastá-lo da cidade-santuário: “Depois Amasias disse a Amós: ‘Ó visionário, vai embora! Some para a terra de Judá! Vai ganhar a vida fazendo lá tuas profecias. Não me venhas mais profetizar em Betel. Isto aqui é um santuário real, uma dependência do palácio do rei!’” (Am 7,12-13).

A intervenção do sacerdote junto ao profeta tinha o efeito de conservar imutável a ordem econômica, social, política e religiosa na região.⁹

Amós foi contrário à prática religiosa sem compromisso com o direito e a justiça e que somente garantia a tranquilidade de consciência e o bem-estar dos ricos e poderosos.¹⁰ Daí ter modificado a ordem das prioridades: o mais importante não é o culto, mas a justiça.¹¹ Por isso *YHWH* afirma:

Sou contra, detesto vossas festas, não sinto o menor prazer nas vossas celebrações! Quando me fazeis subir fumaça dos holocaustos... não aceito vossas oferendas nem olho para os sacrifícios de carne gorda. Afasta de mim a algazarra de teus cânticos, a música de teus instrumentos nem quero ouvir. Quero apenas ver o direito brotar como fonte, e correr a justiça qual regato que não seca (Am 5,21-24).

9. VITÓRIO, Jal-demir. História de Israel na pregação profética de Amós, cit.

10. SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas*. São Paulo: Paulus, 1991. v. II, p. 982.

11. SILVA, A. da. *Amos: un prophète “politiquement incorrect”*, cit., p. 56.

Amós e os direitos humanos

A diferença histórica, filosófica e cultural entre a época de Amós e a nossa época exige um cuidado com a análise de conceitos para se evitar, assim, incorrer em anacronismo. A proximidade do tema direitos humanos em Amós pode ser feita a partir de linhas gerais e não de direitos concretos, como usamos em nossa época, por exemplo: direito à liberdade de expressão, direito ao trabalho etc.

O livro de Amós deve ser considerado à luz da escritura profética, cuja formação foi dinâmica. Isto é, não se trata de uma escrita fixa, quase morta, que ficou no passado. Em diversos momentos, o mesmo Povo de Deus fazia releituras da obra profética.¹² Apesar de a composição do livro de Amós ter passado por uma longa evolução até chegar ao que temos hoje, a mensagem original não foi mitigada, tampouco desvirtuada. Sempre se conservou a mensagem da justiça de *YHWH*, que está junto aos que sofrem.¹³ As etapas de composição de um livro sagrado mostram que os escritos bíblico-proféticos eram considerados obras abertas, que não se apegavam ao passado. Antes, interessavam-se em entender o presente.¹⁴ Então, por que não ver nosso presente à luz profética de Amós?

Os direitos humanos reconhecem a *dignidade* intrínseca de todos os membros da família humana. Nesse sentido, é possível fazer uma relação entre Amós e os direitos humanos em dois pontos básicos: 1) Amós apresenta uma denúncia profética de caráter universal ao defender o ser humano para além das fronteiras de Israel, o povo escolhido por Deus; 2) trata-se de uma denúncia profética, cuja marca é a defesa intransigente da vida.

Denúncia profética de caráter universal

Denúncia contra Israel

Israel era o “povo eleito” de Deus.¹⁵ Este se dirigia, principalmente, a seu povo escolhido, estabelecendo um relacionamento que o diferenciava como o povo de *YHWH* em relação às outras nações de seu tempo.¹⁶

12. Por exemplo, o livro de Amós, na sua etapa inicial de formação, não comportava a conclusão que se lê em Am 9,5-15.

13. CERESKO, A. R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*, cit., p. 195.

14. SILVA, A. da. *Amos: un prophète “politiquement incorrect”*, cit., p. 63.

15. A palavra “Israel” se refere de maneira geral ao povo eleito de *YHWH*. Contudo, depois do cisma ou separação do povo no ano 933 a.C., uma facção ficará com o nome de Israel, enquanto outra se chamará Judá. Mesmo que a mensagem de Amós se dirija a Israel, encontra-se ali também uma crítica a Judá (cf. Am 2,4-5).

16. Entende-se nação como povo, cultura, e não como a noção contemporânea de país ou estado nacional.

No tempo de Amós, Israel se orgulhava da condição de povo eleito de Deus. Porém não se dava conta da incompatibilidade de seu modo de vida com o projeto divino. Amós desfaz esse mal-entendido denunciando e pondo em xeque a segurança oferecida pelas tradições religiosas. Ele as desmitifica e as desautoriza.¹⁷

O Reino do Norte (Israel) se considerava a “primeira” das nações (Am 6,1), mas se enganava, pois seria julgada como qualquer outra nação. E mais: o castigo a Israel viria por parte dos povos inimigos. Por isso, assim diz *YHWH*: “Os inimigos farão o cerco ao teu país, tua segurança cairá de vez e teus palácios serão todos saqueados” (Am 3,11b).

Denúncia contra a injustiça em todas as nações

Amós apresenta *YHWH* como defensor da justiça em todas as nações.¹⁸ Como as nações não praticavam a justiça, faziam-se merecedoras de uma *condenação universal*.¹⁹ Os casos de injustiça denunciados em Amós são casos exemplares de violação aos direitos humanos.²⁰ Carroll Stuhlmueller²¹ não vacila em afirmar que no tempo de Amós foram cometidos crimes contra a humanidade e não contra este ou aquele povo.²²

Que tem a ver o Deus do povo eleito com as outras nações? Na Bíblia, a ação de *YHWH*, Deus de Israel, também se faz presente noutras nações, inclusive as inimigas de Israel, como os filisteus.²³ Tal ação para além dos limites do povo eleito é afirmada em Am 9,7: “Por acaso, filhos de Israel, sois diferentes dos etíopes para mim? Eu não tirei Israel da terra do Egito? Mas não tirei também os filisteus de Caftor? Não fiz os arameus saírem de Quir?”.

Por outra parte, que base teológica o permite condenar as nações estrangeiras em nome de *YHWH*, o Deus de Israel? Em primeiro lugar, de acordo com o pensamento judeu, todas as nações, sem distinção, estão vinculadas com a aliança de Noé (Gn 9,8-17), condensada em sete mandamentos universais, conforme a tradição talmúdica. Em segundo lugar, a visão israelita de mundo considera a justiça como um conceito central e global sob o qual são vistas todas as

17. VITÓRIO, Jaldemir. História de Israel na pregação profética de Amós, cit., p. 131. Como já se mostrou na passagem de Am 5,21-24.

18. SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas*, cit., p. 988.

19. AMSLER, S. Amos et les droits de l'homme. In: DORE, J. et al. (Ed.). *De la Torah au Messie: mélanges Henri Cazelles*. Paris: Desclée, 1981. p. 186.

20. VITÓRIO, Jaldemir. História de Israel na pregação profética de Amós, cit., p. 142.

21. STUHLMUELLER, Carroll. Amós. In: BERGANT, Dianne (Ed.). *The Colledgeville Bible Commentary: Old Testament*. Minnetota: The Liturgical Press, 1992. p. 490.

22. “Crime contra a humanidade” é uma expressão contemporânea usada pela Corte Penal Internacional e reflete a ideia de uma justiça que

nações.²⁴ Em terceiro lugar, a mensagem profética favorece essa universalidade, enquanto a denúncia profética dirige-se à história humana em seu conjunto e não unicamente à história de Israel.²⁵

Amós condena as nações vizinhas de Israel por não respeitarem a dignidade humana expressa na falta de misericórdia para com o próximo.²⁶ Na estrutura dos oráculos de condenação das nações (Am 1,3-2,16), pode-se constatar as exigências de YHWH a respeito de uma ética válida também “para o mundo”, até mesmo quando Israel é o único pessoalmente interpelado (Am 2,11).

A defesa da vida

À luz do discurso profético de Amós, a ética bíblica comporta uma dupla dimensão: de um lado, é uma ética revelada aos crentes e que se aplica a uma comunidade de fé. De outro lado, manifesta também uma exigência de Deus a todo ser humano, em certos aspectos, como defesa da dignidade e da vida.²⁷

A *Declaração Universal dos Direitos Humanos* diz que “todo indivíduo tem direito à vida” (art. 3). Evidentemente, o texto de Amós não comporta a expressão “direito à vida”. Porém toda a sua pregação é uma defesa do ser humano para que essa vida possa desenvolver-se. Implícito está o direito à vida. Pode-se, mesmo, afirmar que a pregação de Amós reflete o que escreveu Irineu de Lião no séc. II d.C.: “Glória Dei vivens homo” (“A Glória de Deus é o ser humano vivo”). Deus é glorificado quando o ser humano *vive plenamente*. Por essa razão Deus rejeita um culto religioso ritualista que não leva em conta a vida em todas as dimensões. A profecia de Amós mostra essa defesa da vida ao condenar o comércio de seres humanos, capturados nas guerras, e a violência militar e econômica perpetrada contra os fracos e indefesos.

As vítimas da maldade humana

Deus se indigna com duas situações relacionadas com o desrespeito à dignidade humana: a crueldade da guerra e a escravidão.²⁸

não se restringe aos limites de um país.

23. VITÓRIO, Jaldemir. História de Israel na pregação profética de Amós, cit., p. 141.

24. AMSLER, S. Amos et les droits de l'homme, cit., p. 185.

25. VITÓRIO, Jaldemir. História de Israel na pregação profética de Amós, cit., p. 132.

26. Id., ibid. p. 142.

27. Ibid. p. 186.

28. SILVA, A. da. Amos: un prophète “politiquement incorrect”, cit., p. 33.

O profeta denuncia o tráfico de seres humanos em contexto de guerra. O oráculo de condenação contra Gaza não deixa lugar para dúvidas: “Assim diz o Senhor: ‘Não perdorei Gaza por seus três crimes e, agora, por mais este: fizeram cativo um povo inteiro, para entregá-lo a Edom. Pois eu ateari fogo às muralhas de Gaza, para incendiar todos os seus palácios’” (Am 1,6-7).

Essa prática tinha a função estratégica de aterrorizar outros povos e levá-los, com esse método, à docilidade e à submissão.²⁹ É uma forma de impor-se, à custa de sofrimentos alheios. A prática do poder hegemônico, a Assíria, era imitada pelos pequenos reinos cada vez que tinham a chance de mostrar a superioridade militar em relação aos reinos vizinhos. A deportação de populações vencidas na guerra era comum entre os povos do antigo Oriente Próximo.³⁰ Todavia Amós não podia fechar os olhos para essa realidade, pela desumanidade que comportava. Além de as populações sofrerem a violência da guerra, eram obrigadas a deixar a pátria e os lares e a migrar para terras estranhas. Entende-se, pois, a indignação de Deus contra Gaza, que deportou cativos de guerra para vendê-los a Edom.

Além da violência do desterro forçado causado pela guerra, Deus condena outra violência que diretamente anula a vida de povos irmãos: a do ser humano destruindo o ser humano.³¹ A ambição das nações visando ao enriquecimento e à expansão de seus territórios fazia com que se impusessem aos povos vencidos com gestos de extrema crueldade, como era a violação dos ventres das mulheres grávidas. Deus fica indignado ao ver esse panorama de violência e, pela boca do profeta, proclama oráculos de condenação contra Damasco (1,3), Edom (1,11) e Moab (2,1).

A escravidão era uma prática comum no mundo antigo e fazia parte do sistema sócio, político e econômico. Eram duas as causas principais da escravidão: dificuldades econômicas e derrota militar. No primeiro caso, a pessoa entregava-se a si mesma ou entregava seus filhos como escravos para saldar dívidas. No segundo, populações eram reduzidas à escravidão ou vendidas como escravas após uma derrota

29. CERESKO, A. R. *Introdução ao Antigo Testamento numa perspectiva libertadora*, cit., p. 182.

30. VESCO, J. L. Amos de Teqoa, défenseur de l'homme. *Revue Biblique*, Paris, n. 87, p. 487, 1980.

31. BONORA, A. Amos difensore del diritto e della giustizia. In: VV. AA. *Testimonium Christi*. Brescia: Paideia, 1985. p. 71.

militar. Todavia a Bíblia não é alheia a esse fato. Apresenta normas claras para proteger os escravos da arbitrariedade dos senhores, como se pode ler em Ex 21,26-27.

Considerando que a escravidão era tolerada em todo o mundo antigo, pode-se ponderar a contundência da denúncia de Amós em relação à escravidão imposta a povos derrotados, com o agravante de serem transformados em objeto de comércio: “Assim diz o Senhor: ‘Não perdoarei Tiro por seus três crimes e, agora, por mais este: fizeram cativo a um povo inteiro, para entregá-lo a Edom, sem respeitar a aliança entre irmãos’” (Am 1,9).

Tal denúncia contra os fenícios de Tiro parece semelhante à de Gaza descrita em Am 1,6-7. No entanto, a diferença está em que Tiro passa por cima dos vínculos de fraternidade que a uniam a quem se transformou em vítima de sua crueldade. Os “irmãos” foram comercializados sem nenhuma compaixão.³² A constatação “sem respeitar a aliança entre irmãos”, segundo Sicre, refere-se ao pacto fraterno de aliança político-econômica que existiu entre Tiro e Israel durante o reinado de Davi (2Sm 5,11), de Salomão (1Rs 5,15-26), de Acab (1Rs 16,31) e que, provavelmente, foi renovado no tempo de Jeroboão II.³³ Em outras palavras: a falta de Tiro é dupla: transforma em escravos e comercializa um povo amigo.

Violência econômica

Israel vivia uma situação de bonança, porém em meio à desigualdade social. A situação tornou-se alvo das denúncias do profeta, que não podia suportar os que “vendem o justo por dinheiro, o sofredor, por um par de sandálias” (Am 2,6b). Quando um camponês empobrecido se endividava, entregava ao credor suas sandálias como um ato simbólico de hipoteca de sua porção de terra. Se não pudesse pagar a dívida, era reduzido a um estado de dependência, tornando-se servidor ou escravo.³⁴ Amós tinha clara consciência do quanto a dignidade humana era espezinhada, num contexto econômico onde imperavam a injustiça e a exploração dos fracos e dos indefesos.

32. SICRE, J. L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulus, 1990. p. 121.

33. Id., *ibid.*

34. REIMER, H. *Agentes e mecanismos de opressão e exploração em Amós*. RIBLA, Petrópolis, n. 12, p. 57, 1992.

A dureza de suas denúncias e a exigência de fundar as relações sociais no direito, na justiça e na misericórdia são claros indícios do quanto estava empenhado na luta pelo respeito à dignidade de seus concidadãos. Ou seja, pelo respeito aos direitos humanos.

A atualidade de Amós

Falando em nome de Deus, Amós se levantou contra as nações que, de uma ou outra forma, atropelavam a dignidade humana. Pouco lhe importava o fato de não estarem submetidas ao pacto de aliança com *YHWH*. O olhar da fé permitia-lhe detectar a falta de respeito aos direitos humanos, qualquer que fosse o agente da injustiça. *YHWH* é o Deus da vida e quer que o ser humano *viva plenamente*. Todas as situações em que o ser humano não conseguia viver plenamente tornaram-se alvo da denúncia do profeta. Por outro lado, ele tinha consciência de que *YHWH* não aceitava ser cultuado, se os adoradores fossem agentes de injustiça (Am 5,21-24).

O livro de Amós não está voltado para um passado distante. Antes disso, seus oráculos ressoam forte e alto até nossos dias. Os oráculos contra as nações permitem constatar que, tanto outrora como hoje, os mais fortes impõem sua vontade aos mais fracos, com requintes de perversidade. Hoje, o desrespeito à vida se reveste não só com roupagens do passado, mas também com as roupagens de nosso tempo, uma vez que a cultura ocidental, a tecnologia e até mesmo a democracia abrem espaço para a violação dos direitos humanos. Gloriamo-nos das “liberdades” conquistadas pela democracia e facilmente classificamos de retrógrados e bárbaros os tempos de outrora.

Entretanto não nos damos conta das barbaridades perpetradas por nossa “civilização”. Os elementos de morte denunciados por Amós são realidades atuais. Campeiam a injustiça, a violência econômica, a desigualdade social, as guerras, o trabalho escravo e tantas outras formas de escravidão. Em outras palavras: transcorridos mais de dois mil e oitocentos anos, a denúncia profética de Amós continua vi-

gente em pleno século XXI. Somos desafiados a empunhar a mesma bandeira do profeta e, como ele, lutar pelo respeito à dignidade humana.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que interpelações nos vêm desta reflexão sobre o profeta Amós?
2. Como praticamos o respeito aos direitos humanos?
3. Que há de comum entre as denúncias de Amós e a prática de Jesus?
4. Nossa comunidade conhece a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*?

Uma espiritualidade para o nosso tempo. Experiência que brota da Palavra de Deus e da contemplação da realidade

MERCEDES LOPES, MJC*

Introdução

De maneira inédita e até mesmo contrária a certas previsões, o final do século XX e a primeira década do século XXI caracterizam-se pelo interesse generalizado em relação ao espiritual, a tudo o que transcende a realidade desafiadora e complexa deste mundo globalizado. Rápidas e profundas transformações modificam a compreensão do mundo e a capacidade humana de situar-se nele. Nesse cenário surge uma variedade enorme de movimentos de renovação espiritual, ligados a diferentes religiões, e aparecem também buscas independentes de encontrar orientação, sentido e força para viver tal momento de transição e desafios históricos. Por isso tanto interesse, hoje, pelo tema espiritualidade.

Sendo muitas e variadas as tendências dessa busca, cada grupo tem uma ideia diferente quando se refere à palavra espiritualidade. Muitos a entendem simplesmente como algo relativo ao sobrenatural ou mesmo como um bom fluido que resgata as energias perdidas e provoca a cura de doenças. Para algumas pessoas, a espiritualidade é uma ajuda para aguentar os sofrimentos da vida e a buscam pelos mais diversos caminhos, como o do pentecostalismo, do esoterismo, de práticas próprias das religiões orientais, como, por exemplo, a meditação transcendental etc. Na realidade, todos procuram espaços que garantam uma boa qualidade de vida nesta tumultuada e complexa realidade do mundo de hoje.

Com tanta demanda, a espiritualidade torna-se mais um artigo de consumo que se encontra na TV, na internet, nos

* **Irmã Mercedes Lopes** é teóloga e biblista, mestra e doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. **Endereço da autora:** Rua Fátima Goulart, 72, apto. 103, Centro, CEP 26235-120, Mesquita-RJ. Tel.: (21) 2696-0352. E-mail: lopesmercedes@hotmail.com.

shoppings e nos grandes acontecimentos mundiais, comprometidos com o mercado global. Nesse contexto estão em moda os *shows* celebrativos, seja em rituais de grupos religiosos, seja na realização de grandes eventos esportivos. Mas esses belos *shows* litúrgicos, tão bem preparados, não compreendem as dimensões mais profundas do ser humano na sua busca de encontro pessoal com Deus, nem expressam o grande mistério de sofrimento e de felicidade que as pessoas experimentam em seu dia-a-dia.

Nas igrejas, há uma liturgia do espetáculo, que parece fugir da realidade. Uma liturgia mais preocupada com a aparência, com a estética, com o efeito que os sons, o colorido e os gestos causam nos “espectadores”. A liturgia *show* não celebra a vida cotidiana, em que as pessoas de fé experimentam a presença de Deus chamando-as à vida e pedindo que se coloquem a serviço do seu projeto de vida em plenitude para todas as pessoas (Jo 10,10). Ao contrário, ela expressa uma religiosidade que busca, pede, implora e celebra acontecimentos extraordinários, porque não pode suportar o mistério de um Deus que se esconde e se revela no ordinário da vida.

Também a Vida Religiosa Consagrada torna-se, às vezes, consumista dessa espiritualidade *show* e nela gasta o tempo que poderia ser usado para partilhar as experiências de Deus, vivenciadas no cotidiano das comunidades religiosas ou para colocar-se em projetos criativos e articulados a fim de cuidar e defender a vida dos pobres e do meio ambiente. Dessa maneira, a VRC vai-se distanciando da fonte de onde brota a água viva, do seu sentido e da sua raiz, que é o seguimento de Jesus Cristo. É a espiritualidade do seguimento que sustenta a VRC na busca de ser fiel à sua vocação mítico-profética, colocando-se radicalmente a serviço da vida, a exemplo de Jesus de Nazaré.

Tal entrega audaciosa somente será possível se for sustentada por uma íntima relação com o Jesus dos evangelhos, isto é, pela mística do discipulado. Na intimidade diária com Jesus, o Cristo, a VRC cultivava uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística

do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.¹ É disso que vou tentar falar neste artigo.

Espiritualidade que brota da contemplação da realidade

Toda contemplação começa na dureza do real, da vida cotidiana, onde está permanentemente conosco o Cristo vivo: “Eis que estarei com vocês todos os dias até a consumação dos séculos” (cf. Mt 28,20). A convicção desta presença fiel de Cristo na dureza do real impede a VRC de cair na tentação de fugir das situações desafiadoras, em que somente se escuta o silêncio de Deus. Para cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, é preciso aceitar o escândalo da cruz como manifestação do amor sem medida de Deus! (1Cor 2,1-5).

Mas a imagem de um crucificado sangrando, impotente diante dos que o torturam, humilhado e abandonado, é um desafio grande demais para o imaginário simbólico da cultura do mercado global. Quem consegue contemplar a glória de Deus na carne de um crucificado? (Jo 12,28). Que glória pode ser contemplada em um corpo todo ferido, repugnante ao nosso olhar? Há tantos corpos semelhantes, importados das periferias do mundo pelos meios de comunicação! São corpos que passam rapidamente pelas telas da TV, apenas por toleráveis segundos, para seguir sem alívio em direção à morte!²

No entanto, uma espiritualidade encarnada é expressão da fé, da certeza de que dos corpos crucificados emana um brilho, uma luz muito mais instigante e duradoura do que a das imagens maquiadas que aparecem na TV e nas revistas, sorridentes por terem conquistado o êxito que a nossa cultura tanto valoriza.

Para ter essa fé, essa certeza, é preciso fazer experiência de proximidade com esses corpos feridos. Vendo-os de longe, pelas imagens da TV, nas telas dos computadores ou pelas vidraças dos carros, sentimos apenas medo ou repugnância. Não chegamos a fazer a experiência que muda completa-

1. Quadro Programático da CRB 2007-2010, prioridade 2.

2. BUELTA, Benjamín Gonzáles. “*Vér o perecer*”. *Mística de ojos abiertos*. Santander: Sal Terrae, 2006. pp. 22-23.

mente o nosso olhar, como aconteceu com a comunidade dos discípulos de Isaías: “Assim como se pasmaram diante dele, tão desfigurado estava o seu aspecto humano, assim estremeceirão muitas nações. Reis fecharão a boca, pois verão aquilo que não lhes foi contado e compreenderão aquilo que não escutaram” (Is 52,14-15).

A dor dos pobres e inocentes, a repressão contra as pessoas que reclamam justiça e direitos iguais para todos podem ser a denúncia mais forte, a luz que de repente ajuda a ver e a analisar uma realidade maquiada pelo poder do capital que controla a mídia. Porque, quando entramos em contato direto com a realidade, inseridos no meio de pessoas bem concretas, cujos corpos podemos tocar, cuja dor penetra nossas entranhas, o véu que cobre e esconde a realidade cai! Ver de perto a dor dos corpos indefesos e escutar seus clamores nos desperta da apatia e nos dá um sobressalto!

Tomamos um susto ao lembrar que seguimos Jesus de Nazaré, que abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano, ele foi humilde e obedeceu a Deus até a morte — morte de cruz (cf. Fl 2,7-8).³ Tendo-se entregado radicalmente, o Pai o levanta da morte, o ressuscita, para que esteja vivo entre aqueles e aquelas que o seguem, pelos séculos dos séculos (cf. Mt 28,20). A ressurreição é o carimbo e a assinatura de Deus no projeto de Jesus.

Espiritualidade encarnada e profética

Uma espiritualidade encarnada é consequência desse encontro com o real, com os corpos crucificados pelo sistema excludente do mercado global. Essa aproximação comprometida com a vida dos pobres possibilita uma compreensão mais profunda do mistério da encarnação, superando a velha e ideológica visão de mistério como algo que não podemos penetrar. Essa compreensão do mistério levou-nos a admirar e a contemplar a encarnação de Jesus sem perceber todo o seu significado para a vida humana. Na encarnação de Je-

3. Versão do *Novo Testamento interlinear grego-português*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

sus, Deus assume a humanidade, a corporeidade, a condição histórica de cada pessoa neste mundo.

No mistério da encarnação, Deus se identifica com a humanidade que sofre e também com a humanidade que se alegra, experimentando, em Jesus de Nazaré, o cansaço, a fome, a sede, a dor da perda de um amigo, a angústia diante da morte. No mistério da ressurreição de Jesus, Deus manifesta que todo corpo é templo do Espírito (cf. 1Cor 3,16; 6,19; Ef 2,22), proclamando mais uma vez sua máxima dignidade. É o espírito de Jesus Cristo ressuscitado que resgata e recria os corpos feridos e os confirma para sempre como sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-27).

Assumir que Jesus veio em carne é profecia atual, porque não nos permite ver indiferentemente os corpos que são transformados no lixo humano do sistema de mercado. Desde o começo do cristianismo houve a tentação de negar que Jesus Cristo veio em carne. A comunidade joanina enfrentou-se com pessoas que negavam a encarnação de Jesus, chamando-as de "anticristos" (cf. 2Jo,7). Para a comunidade joanina, o critério para a verificação da fé cristã está no assumir que "o filho de Deus veio em carne" (1Jo 4,2). Nessa verificação a comunidade joanina relaciona cristologia e ética (1Jo 4,20). Uma ética fundamentada no amor e no reconhecimento da presença de Deus em todas as pessoas.

É o Espírito de Deus que possibilita a verdadeira confissão de fé em Jesus, que veio em carne (cf. 1Jo 4,2-3), que tomou corpo e que nos possibilitou ser verdadeiramente imagens de Deus (cf. Gn 1,26-27). Negar que Jesus veio em carne é negar que Deus é capaz de fazer além, infinitamente além de tudo o que nós podemos pedir ou conceber (cf. Ef 3,20). É negar que para Deus nada é impossível (cf. Lc 1,34). Afirmar a encarnação de Deus é afirmar que outro mundo é possível, que é possível outra VRC mais ágil no anúncio do Reino, mais liberta e libertadora.

Uma espiritualidade encarnada somente é possível quando se vive no âmago da história, ainda que esta seja contraditória e desafiadora, como no tempo de Jesus. É dentro dessas

contradições que se vive o amor autêntico, solidário, generoso: “A pessoa autenticamente espiritual não é aquela que tem experiências espirituais extraordinárias, mas sim aquela que vive profundamente o amor ao próximo e o respeito ao próximo. Ser cristão é viver o amor pelo outro, no diálogo e no respeito, aberto ao futuro (= utopia)”.⁴

Sim, existe atualmente um grande interesse pela espiritualidade e por tudo o que contribui para encontrar sentido e orientação para viver neste mundo marcado pela complexidade. São muitas e variadas as tendências, interpretações e vivências das experiências espirituais; porém, a verificação dessas experiências se dá na prática da pessoa que assume sua corporeidade como expressão e revelação do mistério que a habita. Consciente de ser presença de Deus na história, vive a solidariedade carinhosa e cuidadora dos corpos empobrecidos, excluídos, feridos e maltratados, como o fez Jesus de Nazaré, até chegar a dizer como o apóstolo Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Espiritualidade centrada na Palavra de Deus

Hoje, a Palavra de Deus interpela a VRC para que avance em direção ao desconhecido, onde nos esperam multidões de pessoas em situação de risco. Avance em direção às novas formas de solidariedade, de testemunho, de fé comprometida, alegre e audaciosa! “Diga a esta geração, avance!” (Ex 14,15).⁵ Diante dessa interpelação, muitas vezes a VRC sente-se sem criatividade ou sem forças para dar passos novos em direção a um futuro sem rumo, sem caminhos traçados, sem garantias de sucesso. A única garantia é a da Palavra que a convoca, jogando luz sobre a exigente situação do momento atual.

Se procurarmos conhecer a história das congregações religiosas, chegaremos à conclusão de que a maioria delas nasceu de uma profunda experiência de Deus, mediatizada pela Palavra e pelos clamores dos pobres, em momentos críticos da história. A inspiração primeira que levou homens

4. KLOPPENBURG, Alex José. Disponível em: <<http://www.cebsuai.org.br/content/view/302/36/>>.

Acesso em: 12 ago. 2008.

5. Quadro programático da CRB 2007-2010, Horizonte.

e mulheres a reunir companheiros e companheiras para concretizar um carisma, um dom de Deus para a Igreja ao serviço do Reino, tem sua fonte na Palavra de Deus e na compaixão pelo sofrimento dos pobres. Essas experiências bonitas, variadas, diferentes em cada época e relacionadas às experiências de Deus e às histórias pessoais, são tão fortes que mudaram os rumos da vida de muitas pessoas, gerando novos e confiáveis sinais da presença de Deus no mundo.

Desde a segunda metade do século XX houve um resgate da *lectio divina* pelos pobres das comunidades cristãs da América Latina.⁶ Quando eles leem a Bíblia em comunidade, levam para dentro dela seus problemas e suas perguntas, que brotam do chão da vida cotidiana. Essas questões vitais expressam o desejo de encontrar saídas para as situações difíceis, fortalecendo a união e a esperança na caminhada. Ao fazer a leitura bíblica ligada à vida, o olhar da comunidade de fé vai-se transformando e as descobertas levam à partilha e ao compromisso de vida. Nesse processo a comunidade vai tecendo uma espiritualidade centrada na Palavra e geradora de solidariedade articulada, alegre e criativa.

Por meio dessa maneira de os pobres lerem a Bíblia, Deus nos devolve o caminho para chegar à fonte que gerou nossos institutos religiosos, que foi a experiência de Deus através da sua Palavra e do clamor dos pobres. Para retornar a essa fonte colocamo-nos à escuta da Palavra também na vida, na natureza, na história (DV, n. 3). É “a leitura orante da Palavra de Deus escrita na Bíblia que nos ajuda a descobrir a Palavra de Deus na vida”.⁷ Assim, a leitura da Palavra vai transformando nosso olhar e nosso coração, para que sejamos de fato discípulos e missionários de Jesus Cristo em meio às profundas transformações e aos grandes desafios que envolvem a humanidade hoje.⁸

Interpelada pela Palavra de Deus, que ocupa um lugar central em sua vida, a VRC assume o discipulado no serviço à vida, fortalecendo a inserção nos meios populares e gerando novos espaços de solidariedade e cidadania.⁹

6. Segundo a equipe que elaborou os roteiros do projeto “Tua Palavra é Vida”, a *lectio divina* reapareceu entre nós, sem rótulo e sem nome, na leitura que os pobres fazem da Bíblia. Foram eles que nos despertaram para a leitura orante da Bíblia. Veja mais em: *A Bíblia na formação. “Tua Palavra é Vida”*. Rio de Janeiro-São Paulo: Publicações CRB-Loyola, 2000. pp. 18-19.

7. *A Bíblia na Formação. “Tua Palavra é Vida”*, cit., p. 266.

8. Quadro programático da CRB 2007-2010, Horizonte.

9. Prioridade n. 1.

Espiritualidade que testemunha as novas relações do Reino

A espiritualidade cristã é a expressão de uma experiência de encontro com Deus a partir do mistério mais autêntico e profundo do próprio ser, abrindo-se confiantemente à alteridade,¹⁰ para estabelecer uma relação de acolhida e de paz com o diferente. Embora toda espiritualidade cristã tenha como base um encontro pessoal e íntimo com Jesus de Nazaré, através dos evangelhos e presente nos pobres, na comunidade, nos acontecimentos da vida cotidiana, ela tem também algo característico de cada pessoa e por isso podemos falar de espiritualidade franciscana, teresiana, beneditina etc.

Cada uma dessas pessoas, Francisco, Teresa, Bento etc., teve uma relação única, pessoal e profunda com Jesus. Fizeram uma experiência que marcou suas vidas e lhes deu uma dimensão peculiar dentro da espiritualidade cristã. Encontros gratuitos com Deus presente nas mais variadas e desafiadoras situações cotidianas são geradores de espiritualidade. Nesse sentido a espiritualidade é reveladora de relações profundas que marcaram a pessoa e que lhe deram uma dimensão nova e ampla da vida, de Deus e dos outros.

Se nos abirmos aos outros e nos deixarmos confrontar pelas diferenças que existem nas comunidades religiosas, na sociedade e na Igreja, descobriremos riquezas que jamais poderíamos imaginar. Experiência que se torna impossível quando se fica na defensiva, nas comparações, nas mágoas e decepções ou na relação competitiva. Quando alguém se abre a uma relação pessoal com Deus, vai descobrindo o mistério profundo do seu próprio ser (Sl 139) e se maravilha com a experiência de ser amado incondicionalmente por Deus. É dessa relação que nasce a espiritualidade cristã. Ela tem uma base comum, que é Jesus Cristo (1Cor 3,11), embora haja sempre características muito pessoais, segundo a história de vida e a identificação com o carisma congregacional.

10. Compreendemos a alteridade como uma capacidade de encontro entre o ser humano e a divindade, gerando um processo de humanização e divinização que atinge a totalidade do ser humano, levando-o a estabelecer uma relação de iguais com todas as pessoas, na acolhida das diferenças.

A entrega cotidiana e apaixonada na defesa e cuidado da vida dos pobres e do meio ambiente é expressão da autenticidade no seguimento de Jesus, vivendo o amor sem medida (Jo 13,1). A abertura ao diferente, superando os preconceitos de gênero e culturais, criando espaços para o diálogo ecumênico e inter-religioso, na acolhida terna de toda pessoa, demonstra a qualidade da nossa entrega. Essa entrega é o termômetro da nossa espiritualidade!

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais são as experiências de Deus que estão nas raízes da nossa espiritualidade?
2. Que aspectos da realidade tocam nossas entranhas, levando-nos a uma identificação com a entrega total e amorosa de Jesus?
3. Como a centralidade da Palavra de Deus transparece em nossa espiritualidade?
4. Como essa espiritualidade encarnada e profética está nos ajudando a superar bloqueios e dificuldades nas relações cotidianas?
5. Que projetos concretos de serviço ao Reino estão sendo inspirados e sustentados pela mística do discípulo que vivenciamos?

Vida Religiosa provisória: um desafio a ser enfrentado

JOÃO MENDONÇA, SDB*

Há quem diga que a Vida Religiosa tradicional desenvolvida até meados do século XX já perdeu sua razão de ser. As assim chamadas *novas formas de Vida Consagrada* chegaram para assumir o lugar de uma tradição decadente. Portanto uma nova forma de Vida Religiosa desponta no horizonte da provisoriedade. Não mais vida fraterna para sempre, muito menos conselhos evangélicos perpétuos, nem missão duradoura, simplesmente uma escolha de vida provisória por um tempo determinado pela pessoa, entre cinco e dez anos. É do conhecimento nosso que na tradição budista é possibilitada a todos uma experiência de vida monástica, o que não significa que vão se tornar efetivamente monges pelo resto da vida. Contudo seria isto um contexto de vida provisória ou religiosamente pedagógica?

Acredito que seja mais pedagógica, em vista de um mergulho no mistério do budismo, do que uma eventual vivência religiosa sem influências sobre a vida posterior. No caso da Vida Religiosa dita provisória se postula a possibilidade de uma experiência por um período, quase um voluntariado, e no fim do prazo retorna-se ao ambiente familiar. Aí eu pergunto: é possível ser religioso ou padre por uma década e depois viver como se tudo isso não fizesse parte do seu ser?

O chamado de Deus não é algo exclusivo para estar com ele? A Vida Religiosa não se constitui a partir desse chamado? O Senhor que chama pode simplesmente mudar de ideia e deixar de chamar? O religioso pode até pensar que o fato de não sentir mais o encanto da Vida Religiosa perpé-

* Padre João Mendonça é mestre em Educação, com especialização em Pedagogia Vocacional pela Pontifícia Universidade Salesiana, de Roma. **Endereço do autor:** E-mail: mendonca@isma.org.br

tua é porque perdeu a vocação, mas pode-se perder algo que nunca encantou desde as entranhas? Seria o caso, então, de refazer a compreensão teológica do chamado?

Questões de sentido

Diante desses questionamentos, exponho duas teorias muito interessantes que despertam nosso interesse sobre esta provisoriedade da Vida Religiosa.¹ Segundo Favale, as teses dizem o seguinte:

- A Vida Consagrada, na sua primeira manifestação, o estilo monástico, nasceu perfeita, enquanto as outras formas posteriores não seriam Vida Consagrada propriamente dita, a não ser que coincidam com o estilo monástico. Com isto se quer dizer que a Vida Consagrada, com seus variados estilos, seria apenas a história de uma progressiva decadência.
- Há uma reação a essa tese que reza o seguinte: a Vida Consagrada teria nascido no monaquismo como um embrião, uma coisa imperfeita, que, com o passar do tempo, foi sendo aperfeiçoada. Consequentemente, cada nova forma de Vida Consagrada é um passo a mais no desenvolvimento e na completa formação da mesma, tendo nos institutos seculares o seu vértice.

Teorias postas, problema para refletir. Quem tem razão? Hoje, a tendência de muitos, mesmo de eclesiásticos renomados, é achar que há um esgotamento do modelo tradicional de Vida Religiosa, portanto são partidários da primeira tese. Outros mergulham de cheio na compreensão desse desenvolvimento histórico. No entanto, nenhuma posição me parece corresponder ao dinamismo do Espírito Santo na história, pois os carismas são frutos do Espírito e não meros caprichos dos fundadores. Acredito que o limite não é o tempo, mas a capacidade de inculturação do carisma no tempo e no espaço, e isso é uma tarefa carismática dos membros do Instituto.

Re-partir do carisma fundacional, portanto, é um desafio que se impõe hoje a todas as formas de Vida Religiosa, o

1. FAVALE, Agostino. Vita consacrata e società di vita apostólica: profilo storico. Roma: LAS, 1992. pp. 289-291.

que já pedia o Concílio Vaticano II: “A atualização da Vida Religiosa compreende ao mesmo tempo *continuo retorno às fontes* de toda vida cristã e a inspiração primitiva e original dos institutos, e adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos” (*Perfectae caritatis*, cf. n. 1). O termo *continuo* quer dizer permanente, dinâmico, ousado, e não uma mera e nostálgica recordação do carisma do fundador.

Também existe o questionamento da diminuição das vocações, por isso que, para atrair os jovens, é preciso assumir algumas atitudes: ou voltar às antigas formas de vida católica tridentina que parecem agradar os jovens, como, por exemplo, o uso do hábito, a disciplina, o afastamento do mundo, a linguagem padronizada etc., ou adequar-se às novas ondas juvenis sem tanta disciplina, pouco estudo sistemático, uma espécie de vida mista que transita entre as relações afetivas e a castidade temporária etc.

A questão de base de toda esta problemática reside na *re-definição* do ser humano que estamos vendo no atual contexto, ou seja, passa-se do valor comunitário para o valor da “história pessoal do indivíduo”.² Segundo Merkle, o que o indivíduo busca é ser o centro de toda a realidade, ele reduz a religião e a Vida Religiosa a sentimentos íntimos; é um pertencer de forma “líquida” e “fazer o que se gosta”.³ Ora, quem apenas gosta de algo ou deixa de gostar não aprendeu a amar. Vive-se do puro subjetivismo infantil, como uma criança que bate o pezinho ora para protestar contra alguém, ora para exigir um afeto e realizar um capricho.

Então, que é que isso significa para a Vida Religiosa? É muito simples e preocupante: o indivíduo com uma dependência absoluta busca um grupo ou um estilo de vida, não para ter uma vida partilhada no comum da fraternidade, dos conselhos evangélicos e da missão, mas para ter garantias de sua privacidade. Por isso não cria vínculos de pertença, não partilha da história do outro e não age em conjunto. Quando sua carência básica de consumo não é satisfeita, ele migra para outro grupo, abandonando sem dificuldades o que vi-

2. MERKLE, A. Judith. *O compromisso da escolha: a vida religiosa nos dias atuais*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 21.

3. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. Leia-se também: GRÜN, Anselm. *O ser fragilizado: da cisão à integração*. 4. ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

na desfrutando. Acontece também que tais comunidades formadas na base do privativo interesse,

quando se reúnem para programar, programam sempre em coisas mínimas: o mínimo de oração, o mínimo de sacrifício, o mínimo de vida comunitária, o mínimo de entrega comunitária aos outros. Por outro lado, há o máximo de individualismo, o máximo de liberdade e o máximo de comodidade. Resulta, assim, num projeto de vida que não encanta a ninguém, um projeto para ser vivido sem muitos problemas.⁵

Este sim é o verdadeiro eclipse da Vida Religiosa, seja ela na sua vertente tradicional, seja provisória.

Questões de significado

Ora, “a Vida Religiosa contesta a atitude da sociedade segundo a qual os investimentos humanos são sempre provisórios”.⁶ O fato de algumas sociedades de vida apostólica terem como doutrina que os conselhos evangélicos são renovados a cada ano — por exemplo, as Irmãs da Caridade de São Vicente de Paulo —, não quer dizer que elas vivam do provisório, muito menos que a Vida Religiosa seja funcional. Mas trata-se de um dinamismo inerente ao próprio carisma fundacional que caracteriza não a busca do indivíduo, mas sua plena realização dentro de um projeto comum, pois a Vida Religiosa não é um fazer coisas segundo interesse pessoal, mas um ser pessoa interdependente, que partilha um projeto comum e age em comunhão com os outros.

O provisório, por outro lado, é apenas o voltar-se para si, mesmo que trabalhando com os outros, porém sempre fechado no próprio bem-estar, sem vínculos.

Quando um(a) religioso(a) professa, revela ao mundo e à Igreja que Jesus Cristo é o sentido pleno de toda a sua vida, seu modo de SER pessoa em relação. “Isso significa essencialmente optar por transcender a si mesmo, por abandonar a atitude egoísta de abrir-se para Deus, para a realidade e para os outros no amor.”⁷ A autotranscendência no amor é a

5. GIL SOLORIZANO, Juan Antonio. Realismo y utopía de la vida religiosa. *Religión y Cultura*, LIII, p. 115, 2007.

6. MERKLE, A Judith. *O compromisso da escolha: a vida religiosa nos dias atuais*, cit., p. 32.

7. Id., *ibid.* p. 46.

base de qualquer Vida Religiosa. Agora, o drama de muitos religiosos na atualidade é cair na tentação do romantismo, ou seja, fechar-se em si mesmo, em seus problemas, em suas necessidades, em suas buscas de preenchimento. O desafio está em aceitar o realismo da vida, sobretudo o deixar-se questionar a partir dos destinatários da missão, a partir dos pobres. Quando isso é assumido coletivamente, a comunidade religiosa, e cada pessoa nela, se torna capaz de assumir compromissos coletivos. Trata-se do saber “viver juntos por causa de, não a fim de”.⁸

Questões de identidade

Contudo a crise do ser, assim chamado pós-moderno, é de viver no provisório. As relações são provisórias, os casamentos são cada vez mais provisórios, o trabalho é provisório, as alianças e pactos políticos são também provisórios e oportunistas. É um clima de incerteza quanto ao dia de amanhã que espanta a todos. Enquanto isso, a Vida Religiosa, de modo geral, sustenta a perpetuidade dos compromissos, mesmo sofrendo as amargas perdas de pessoal. A questão é que as novas gerações não respiram o clima cultural religioso católico herdado da família. Elas chegam de diversas experiências, todas, ou a maioria delas, transitórias, sobretudo religiosas. É possível até dizer que as várias religiosidades e espiritualidades transitam na vida das pessoas.⁹

O sincretismo perpassa a longa linha da vida e parece que a fé professada na sua dimensão de anúncio e conversão não chega a tocar as pessoas em profundidade. O processo formativo das novas gerações de religiosos(as) muito menos. A argumentação dos valores e das atitudes religiosas forma uma casca que, se perfurada, revela a fragilidade do ser que tem dificuldade de internalizar a cultura religiosa carismática do Instituto e, portanto, se comporta segundo o padrão esperado pelo seu grupo de interesses, mas não está disposto a agir no conjunto, e sim no privado.

É uma Vida Religiosa romântica e fragilizada, na qual o aburguesamento, desde os inícios da formação, mina a

8. BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, cit., p. 46.

9. TAVARES, S. Sinivaldo. Como experimentar Deus, hoje? *Grande Sinal*, pp. 143-157, mar/abr 2003.

caridade, em que o consumismo enche os olhos e esvazia o coração, o individualismo ofusca o valor da comunidade e cria-se uma dependência do Instituto, pois tudo se espera receber como um ser totalmente dependente do afeto da mãe. Nesse caso, tanto o Instituto como a comunidade eclesial se transformam na mãe que faltou ao religioso. Isso significa que a pessoa não foi educada para administrar fracassos, frustrações. “O problema é o amor, a caridade.”¹⁰

Nesse sentido a Vida Religiosa provisória, expressa muitas vezes nos novos movimentos religiosos, “são os sinais de uma rejeição muito mais radical das igrejas institucionalizadas do que o ateísmo da modernidade, porque criam substitutos”.¹¹ Essa nova realidade pode ser até uma resposta à pergunta pelo sentido da vida, mas nada garante. Isso acontece porque é sempre mais “líquido”¹² o sentido de pertença, e a diversidade de referências contribui para a busca da identidade sempre mais desafiante, porque a ofuscada experiência do transcendente elimina o confronto salutar da dúvida e do mistério.

A dúvida não é um mau em si, é a brecha pela qual pode entrar a certeza de um projeto de vida centrado no bem-estar do outro. Por sua vez, o mistério é a oportunidade de cavar fundo na existência para encontrar a presença do totalmente Outro que se revela seja no privado, seja no coletivo.

É também possível que a Vida Religiosa perpétua, institucionalizada aos longos dos séculos, que tem a pretensão de ser sinal de testemunho e profetismo, seja porque favorece uma resposta pela busca de sentido, seja porque cria segurança para a pessoa, pode tornar-se algo relativo, exatamente porque o indivíduo a privatiza. É por isso que muitos jovens buscam a Deus, mas rejeitam o Deus tradicional que encontram na Vida Religiosa institucionalizada.¹³ Por isso as grandes decepções no atual cenário dos institutos religiosos tradicionais, com saídas inúmeras, sobretudo nos primeiros anos de votos temporários e da ordenação presbiteral.

Contudo há também outro elemento: o idealismo. Pessoas que criam castelos de areia e imaginam a Vida Religiosa como uma vida sem conflitos, sem incoerências, sem pa-

10. COMBLIN, José. Os interrogantes da vida religiosa no século XXI. *Convergência*, n. 370, p. 95, mar/2004.

11. Id., *ibid.* p. 79.

12. O termo *líquido* é próprio dos escritos do sociólogo Bauman e se caracteriza pelo aspecto efêmero das relações humanas e das próprias opções de vida. Trata-se de um ser humano sem vínculos. Outras obras do autor tratam da liquidez da vida humana em outras esferas, a saber: *Medo Líquido*, *Tempos Líquidos*, *Vida Líquida*, *Modernidade Líquida etc.* Uma rica temática que procura descrever o momento de crise da modernidade.

13. COMBLIN, José. Os interrogantes da vida religiosa no século XXI, *cit.*, p. 80.

tologias. Quando encontram essas coisas, que infelizmente existem, devido à nossa humanidade, se desencantam, e não conseguem responder com uma relativa maturidade. Por isso é preciso educar a nova geração ao realismo, sem perder, no entanto, o encanto do sonho.

Tarefas pertinentes à Vida Religiosa

Que seria importante resgatar neste cenário complexo?¹⁴

- Re-elaborar a teologia da Vida Religiosa a partir dos paradigmas existenciais que trazem as novas gerações, com uma salutar síntese das coisas antigas: não é rejeitando a experiência do passado que vamos dialogar com o novo, mas instaurando o salutar confronto na busca da essencialidade, o serviço ao Reino.
- Recuperar a antropologia da Vida Religiosa: o importante é considerar o ser humano envolvido no processo de busca em vista de um projeto de radicalidade. A pessoa do religioso e suas raízes culturais precisam ser integradas no processo formativo contínuo, jamais estanque.
- Repensar o simbolismo teológico da Vida Religiosa: Martin Buber, para citar um exemplo, profetiza o “eclipse de Deus”,¹⁵ aquela imagem clássica de Deus desaparece no cenário religioso fragmentado. Ora, a Vida Religiosa, como teologia, não pode ficar à margem dessa mudança, mesmo na sua missão específica. É preciso sair do mundo da clausura para instaurar um diálogo com a sociedade, com a cultura e com a própria Igreja.
- Nesse sentido a identidade da Vida Religiosa no atual contexto pode ser re-pensada nos seguintes paradigmas à luz do *Documento de Aparecida*:¹⁶

14. O cenário da provisoriedade e da perpetuidade na Vida Religiosa encontra neste artigo uma tarefa importante para sua projetualidade. Cf. VIGIL, Maria José. Os desafios atuais mais fundos à vida religiosa. *REB*, fasc. 255, pp. 645-648, jul/2004.

15. PAGOLA, A. José. Testigos del misterio de Dios en la noche. *Sal Terrae* 2000, pp. 27-42.

16. Indico também um valioso artigo sobre esta projetualidade da Vida Religiosa à luz de Aparecida: Cf. BOMBONATTO, Vera Ivanise. A vida consagrada e as opções de Aparecida. O que o *Documento de Aparecida* diz e espera da vida consagrada. *Convergência*, número especial, n. 409, pp. 162-171, mar/2008.

CHAMADA A SER

- Testemunha significativa.
- Fiel ao Evangelho no meio das vicissitudes históricas.

CHAMADA A FAZER

- Participação ativa na ação pastoral.
- Presença em situação de pobreza, de risco e de fronteira (DA, n. 99c).

- Dom do Pai, seguimento de Jesus Cristo e serviço a Deus na humanidade.
- Vida discipular místico-comunitária.
- Vida missionária apaixonada por Jesus, verdade do Pai, capaz de mostrar a luz de Cristo às sombras.
- Vida a serviço do mundo a partir do carisma fundacional.
- Especialista em comunhão tanto no interior da Igreja como na sociedade.
- Integrada e integradora a partir da espiritualidade do carisma e de um processo contínuo de conversão pessoal e comunitária.
- Avançar com ousadia, profetismo e humildade, para águas mais profundas: AVANCEM!
- Passagem de uma pastoral de conservação para uma pastoral missionária e projetual.
- Formação de uma nova geração de religiosos(as) discípulos(as) e missionários(as).
- Conformação de uma nova sociedade de justiça e dignidade.
- Transformação de nossas obras em lugares de anúncio do Evangelho, de comunhão, principalmente para os mais pobres.
- Descoberta dos novos rostos da pobreza atual, das novas periferias, dos novos desertos e das praças onde estão os sem-trabalho.
- Promoção da conversão pastoral, do diálogo ecumênico e da pastoral urbana.

Diante de tantos fatos aqui narrados, não bastam as boas intenções. A Vida Religiosa não é filha de um monaquismo perfeito, por mais valiosa que tenha sido ao longo dos séculos até nossos dias a vida monástica em todas as suas formas. Também o vasto movimento da Vida Religiosa não se desenvolveu desde o monaquismo como um embrião. Acredito, sim, que a Vida Religiosa manteve sempre sua abertura ao Espírito Santo na sensibilidade de homens e mulheres ousados que souberam ler os sinais dos tempos no contexto em que viviam e deram respostas a questões locais com horizontes universais.

Em consequência disso, o postulado de uma Vida Religiosa provisória, que nos assusta inicialmente, pode ser mais uma onda neste mar bravio que sacode o barco, mas não o afunda, porque o Senhor sempre está conosco e tem a força para fazer a tempestade acalmar-se e dissipar o medo. Por isso, creio recomendáveis três atitudes de fé:

- 1) Promover uma atitude contemplativa de todos, agradecendo a Deus pelo dom da vocação e da missão.
- 2) Cultivar um respeito recíproco, que ajuda a aceitar os mais fracos, respeitando a criatividade e a responsabilidade.
- 3) Consagrar ao Senhor todos os esforços da missão.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Conhecemos, realmente, a história da Vida Religiosa Consagrada?
2. Assumimos a Vida Religiosa Consagrada como processo em contínua mudança ou como algo imutável?
3. Como nosso Instituto enfrenta a realidade da Vida Religiosa provisória?

GIOVANNI CIPRIANI, CP*

Este, mais do que um artigo, é uma “confissão de um formador”. Após quase trinta anos de trabalho na formação, junto com a pedagoga E. Fagundes, quisemos fazer uma releitura histórico-pedagógica desse período. Jovem padre, fui enviado a uma casa de formação. Desde essa época venho trabalhando quase sempre neste campo como diretor, animador vocacional e orientador espiritual, seja na Itália, seja no Brasil.

Primeira experiência de formador

No início não tinha nenhuma preparação, nem de psicologia nem de Vida Religiosa. Prevalencia o “bom senso”. Sentia-me mais um “vigilante” que um formador. Era um “jovem entre os jovens”, com todos os lados positivos e negativos dessa experiência. Recordo que me faltava sobretudo maturidade para conviver com as situações emocionais e conflituosas dos jovens. Em certos dias a nossa convivência se reduzia a um emaranhado de emoções e conflitos que nenhum de nós conseguia controlar.

Depois, o estudo da psicologia me deu mais elementos para compreender os jovens, e então me sentia um “técnico” da formação. Acreditava que o jovem, para ser formado, devia necessariamente se enquadrar nos esquemas de psicologia que eu estava estudando. Em seguida, quis dedicar-me ao estudo da Vida Religiosa, e então parecia que finalmente era o “formador” perfeito. Falava de profecia, de identifica-

* Giovanni Cipriani é sacerdote, doutor em Teologia Moral pela Faculdade Teológica Angelicum, de Roma, e em Psicologia, pela Universidade dos Estudos, de Roma. **Endereço do autor:** E-mail: giovci-pr@terra.com.br.

de, de missão etc. da Vida Religiosa. Pensava que tais conhecimentos eram garantia de bons resultados.

Hoje, que os anos já se passaram e me encontro na condição de formador de jovens provenientes de várias regiões da Itália e de vários países, vejo que a psicologia é importante, que o estudo da Vida Religiosa é necessário, mas o que é verdadeiramente indispensável é a experiência de vida. Hoje me sinto sobretudo um “acompanhante”, alguém que se coloca à escuta do Espírito e acompanha o irmão no caminho, respeitando-o no seu tempo e no seu ritmo.

Da leitura desta primeira experiência, trazemos algumas conclusões:

- a) *O formador não pode ser muito jovem.* Um formador jovem muitas vezes se reduz ao papel de “vigilante” dos formandos e não de um “acompanhante”. O formador tem de ser sobretudo um “acompanhante” dos jovens. Só se realiza essa tarefa através da experiência de vida, de um bom caminho na Vida Religiosa, cuidando para conseguir maturidade suficiente a fim de autogerir as próprias emoções, mantendo controle de si mesmo diante dos desafios dos jovens. Antigamente, quando se entrava para a Vida Religiosa na pré-adolescência, um formador jovem conseguia bons resultados diante da necessidade de conviver com a vivacidade dos adolescentes. Hoje, que, em geral, recebemos jovens acima dos 18 anos de idade, precisamos de um “mestre” de vida, ao estilo dos mestres que acompanhavam os novatos nos antigos mosteiros. Ser “mestre” não é só questão de estudo, é experiência de vida.
- b) Um formador deve ter um bom *conhecimento de psicologia dinâmica* e de *história-espiritualidade-missão da Vida Religiosa*. Ninguém consegue acompanhar um jovem se não compreende quem é o sujeito que se está acompanhando e por onde deve acompanhá-lo.
- c) Mas ainda não basta. Um formador que estudou psicologia e Vida Religiosa pode ser simplesmente um “técnico” de formação. O formador precisa ter uma *grande*

paixão: paixão pelos jovens, paixão pela Vida Religiosa, paixão pela formação e paixão por Cristo. Precisa ser capaz de animar e fazer sonhar! Sem essa paixão, ninguém consegue acompanhar um jovem em seu processo de formação, ou seja, não consegue transmitir o amor ao Cristo Crucificado, à Igreja, à Congregação, ao Povo de Deus!

Paixão pela própria formação

Durante esses anos, vi jovens que contavam os dias que faltavam para sair das casas de formação! Parecia que eram obrigados a estar lá, não tinham interesse, mostravam-se autossuficientes, e já “estavam prontos”. Encontrei grande dificuldade em trabalhar com esses jovens, que, além de não darem nenhum passo, atrapalhavam o processo formativo dos outros.

A formação dá seus frutos quando é vivida como um processo pessoal. O jovem deve “querer” a formação, deve ter uma grande paixão pela própria formação. Sem essa paixão, a casa de formação se transforma em um lugar de proibições e limites, e o jovem não vê a hora de “ficar livre”. Tudo fica pesado, tudo oprime. Sem amor pela própria formação não existe processo formativo. A responsabilidade é fundamental.

“Centro unificador”

Também para mim vale o que falou santo Tomás de Aquino (parece-me que tenha sido ele) a propósito do professor. No início, quando comecei a trabalhar na formação, tudo aquilo que lia ou sabia me parecia belo e importante, e se transformava em assunto para os encontros formativos. Confesso que pouca coisa era assimilada e aplicada na vida. Agora entendo que é preciso focar um “centro unificador”, ou seja, poucos elementos que se vão tornando motivações irrenunciáveis, “razões de vida” de um religioso. Aquilo que dá significado e sentido a todo o resto. É a partir desse

“centro unificador” que se vai trabalhando outros aspectos da formação. Não é nada de novo, é a pedagogia de Jesus!

Formação dos valores

Se, no passado, como formador, estava preocupado mais em controlar e reprimir os instintos (psicologia freudiana), ou em reforçar ou eliminar os estímulos (psicologia behaviorista), hoje me preocupo sobretudo com propor motivações existenciais (psicologia humanista): uma formação dos valores, não mais restrita ao “que fazer”, ao comportamento.

Estou convencido de dois valores irrenunciáveis da Vida Religiosa, que não podemos negociar por nenhum motivo: a *experiência de Deus*, baseada na vida sacramental, na Palavra de Deus, no amor ao Povo de Deus, e a *vida comunitária*, como experiência baseada no relacionamento interpessoal.

Formação profunda

Uma coisa que sempre me questionou: por que os estudantes que eu considerava “melhores”, aqueles em quem apostava tudo, acabavam saindo da Congregação? Evidentemente, por que eles agiam segundo certas regras de comportamento que eram propostas, mas não se deixavam envolver pela espiritualidade da Vida Religiosa. Nesses casos era uma formação de “fachada”! Uma formação “exterior” mais que interior!

Estou cada vez mais convicto de que a formação, se quiser alcançar seu objetivo, deve ser uma “formação profunda” e não uma “formação superficial”. Uma formação superficial talvez consiga obter comportamentos momentâneos desejados, mas não produz fruto duradouro. É como despejar água sobre uma laje de mármore!

“Uma formação para além”

Recordo que, anos atrás, nas reuniões de coordenadores da Pastoral Vocacional e da Formação, havia quem propusesse para os jovens uma Vida Religiosa mais *light* e comunidades ideais, porque, dizia-se, “não podemos exigir demais dos jovens, senão eles se assustam e vão embora”. Não sei quantos desses jovens continuaram!

Jesus sempre apontou para além da realidade junto aos discípulos. A eles, que sabiam apenas pescar, um dia disse: “Sequi-me, e farei de vós pescadores de homens...” (Mt 4,19). Ele propunha metas e objetivos que iam além da possibilidade e dos pensamentos dos apóstolos. Era uma proposta que os levava a sonhar, a desafiar-se.

Reconheço que uma falha minha é não conseguir “fazer os jovens sonhar”, não ajudá-los suficientemente a olhar além, olhar outro horizonte além dos seus próprios interesses, às vezes pequenos e mesquinhos. Uma formação que não oferece aos jovens alguma coisa de “superior”, algo “impossível” que vai além das suas próprias possibilidades e perspectivas, é destinada ao fracasso. O jovem deve sonhar o novo que existe em si, o novo que pode conseguir e alcançar através do empenho pessoal e da luta contínua (ascese). “Avancem mais para o fundo...” (Lc 5,4), dizia Jesus a seus discípulos.

De uma formação software para uma formação “navegador”

No passado, inseria no computador (*software*) todas as informações, dados, notícias que encontrava, porque, pensava, se não me serviam naquele momento, me serviriam um dia. E hoje vejo que muitas daquelas informações não me servem e não me servirão nunca.

Hoje penso mais no “navegador”, aquele dispositivo eletrônico capaz de guiar o usuário de um ponto a outro dando-lhe a indicação da direção que deve tomar. Este moderno aparelho tem-me feito pensar que também a formação tem

de mudar alguma coisa. Antigamente, considerava o jovem em formação como um computador: devia preenchê-lo de “coisas que deve fazer” e de “coisas que não deve fazer”, ou seja, enchia-lhe a cabeça com tantas coisas que, durante o caminho, ele via que essas coisas estavam fora do contexto, e subitamente se livrava delas.

Hoje penso que em vez de encher a cabeça do jovem de tantas coisas seria melhor dar-lhe um “navegador”, assim ele poderá orientar-se em cada momento e lugar da sua Vida Religiosa. Ou seja: criar nele convicções e valores que se tornem a razão de sua vida como pessoa e como consagrado. Será ele, com esse “navegador” a escolher o caminho certo. Esse “navegador” são os “valores inegociáveis” da vida e da Vida Religiosa.

De uma formação de “laboratório” para uma formação “de campo”

Desculpo-me se o exemplo é um pouco forçado. Refiro-me às conclusões da psicologia experimental. Segundo os psicólogos, os animais que estão em ambiente fechado (zoológico, laboratório etc.) têm um comportamento diferente daqueles que estão no ambiente natural.

Vamos sair do exemplo e ir para a realidade. Uma casa de formação onde tudo é definido, estruturado, programado, organizado deixa pouco espaço para a expressão da personalidade do indivíduo e para a manifestação de tendências — positivas ou negativas — que deverão ser acompanhadas, encorajadas ou corrigidas.

O jovem, quando sai da casa de formação e vai viver no “ambiente natural” — que é a realidade das nossas comunidades —, pode manifestar aspectos da vida extintiva, relacional e de convivência com o grupo e com a realidade bem diferentes daquela em que vivia (ou reprimia) — um ambiente “estruturado” e programado que deixava pouca possibilidade para poder expressar o que se é.

Talvez precisemos pensar numa casa de formação mais “natural”, ou seja, mais próxima da realidade, da vida, das preocupações, das tensões, dos sacrifícios, das renúncias das nossas comunidades, lá onde os jovens são chamados a viver a Vida Religiosa.

Isso porque, em um ambiente onde tudo é organizado, o jovem é naturalmente levado a viver aquilo que “deve ser” (isto é, aquilo que a estrutura lhe pede naquele momento), enquanto em um ambiente natural ele manifesta “quem é” realmente.

Por isso pode acontecer que jovens que na formação são “formandos ideais” (observantes da organização), uma vez na comunidade — onde a vida é mais a dimensão “natural” —, ou na pastoral, manifestem comportamentos e atitudes que entram em conflito com os outros e com o espírito da vida comunitária e religiosa, ou aspectos da vida emotivo-afetiva que revelam uma personalidade imatura e conflituosa.

“Padre, pequei por impaciência...”

Até uns anos atrás, eu preparava o projeto formativo para os formandos e pretendia que logo todo mundo entrasse naquele “projeto”. Hoje, entendo que é preciso ter paciência com a pessoa, sobretudo se jovem. Certas mudanças requerem um ano, dois anos, três anos, talvez a vida toda.

A formação é sempre um serviço a uma pessoa específica, que, na sua história pessoal, é sempre um mistério. Por isso a formação é uma arte que não pode ser totalmente programável. É um caminho de progressiva maturidade pessoal, não o resultado de um dia, de um mês ou de um ano. É um processo contínuo, dinâmico, progressivo, gradual e integrante, constituído de diversos momentos e etapas e de um dinamismo de crescimento que requer continuidade e paciência.

Hoje aprendi a olhar mais o para empenho que o jovem coloca no seu caminhar do que para os resultados alcançados. Estou mais atento ao seu esforço do que à realização do projeto.

“... mas não por misericórdia e ternura”

Em um encontro de formadores e formadoras da América Latina, perguntaram-me sobre a virtude que deve caracterizar o agir de um formador. Respondi sem hesitação: a misericórdia junto com a ternura.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais critérios utilizamos para indicar as pessoas que devem acompanhar as(os) jovens em seu processo formativo?
2. Como percebemos a qualidade do envolvimento das pessoas que atuam na formação?
3. Nossos(as) formadores(as) buscam sempre se atualizar e se qualificar?
4. Formamos para teorias ou para a vida?

Índice anual/2008

777

Editorial

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
409/Jan-Fev	1	Justiça e paz se abraçam	Maria Carmelita de Freitas, fi
Especial/Março	65	Memória e profecia	---
410/Abril	201	Páscoa: a festa da esperança	Maria Carmelita de Freitas, fi
411/Maio	273	Vida em plenitude	Márian Ambrosio, dp
412/Junho	337	Vida! Ela possui o mesmo colorido de cada SIM	Márian Ambrosio, dp
413/Jul-Ago	409	Vida Consagrada, vida a serviço da Vida	Márian Ambrosio, dp
414/Setembro	505	Bíblia: vida feita mensagem	Márian Ambrosio, dp
415/Outubro	593	Vocação é vivida sempre na perspectiva da missão	Márian Ambrosio, dp
416/Novembro	657	Nos gritos por vida, o eco dos apelos de Deus	Maria Juçara dos Santos, fdz
417/Dezembro	729	Natal – tempo de deixar-se iluminar e tornar-se luz	Conselho Editorial

778

Mensagens

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
409/Jan-Fev	6	Dia Mundial da Paz: família humana, comunidade de paz	Bento XVI
Especial/Março	—	—	—
410/Abril	204	Homenagem: memória de irmã Carmelita	Henrique Cristiano José Matos, cmm
410/Abril	209	45º Dia Mundial de Oração pelas Vocações	Bento XVI
411/Maio	276	42º Dia Mundial das Comunicações Sociais	Bento XVI
412/Junho	339	CLAR: A caminho de uma Vida Religiosa místico-profética a serviço da vida	Equipe diretora da CLAR
413/Jul-Ago	414	Dia da Vida Religiosa	Bárbara Bucker, mc
414/Setembro	508	VI Reunião da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos	Bento XVI
415/Outubro	596	Dia Missionário Mundial: servos e apóstolos de Jesus Cristo	Bento XVI
416/Novembro	660	III Congresso Americano Missionário	Bento XVI
417/Dezembro	733	O novo <i>lugar</i> da CRB-Nacional: mais uma vez o símbolo das águas	Márian Ambrosio, dp

Informes CRB

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
409/Jan-Fev	13	Nossas raízes indígenas. O “Outro”: uma questão de diferença	Marlene Castro Ossami de Moura
Especial/Março	—	—	—
410/Abril	214	PROFORMAR: Programa de Formação para Assessoras(es) Regionais	Assessoria Executiva Nacional
410/Abril	216	Reunião da CEN: primeira de 2008	Assessoria Executiva Nacional
411/Maio	281	AGO – Assembléia Geral Ordinária e AGE – Assembléia Geral Extraordinária	Assessoria Executiva Nacional
411/Maio	283	Seminário interdisciplinar	Assessoria Executiva Nacional
411/Maio	285	CONFIAR – Conselho para Formação, Integração e Animação das Regionais	Assessoria Executiva Nacional
412/Junho	343	A nova sede	Assessoria Executiva Nacional
413/Jul-Ago	417	Introdução à celebração da missa de 7ª dia de Ana Roy	Marie Jô Grollier, as
413/Jul-Ago	420	Pequeno histórico da Rede “Um grito pela vida”	Bernadete Gaspar, ciic
413/Jul-Ago	423	Aconteceu! 2º Congresso Missionário do Brasil	Antonia Mendes Gomes, ndc
414/Setembro	511	CLAR – Seminário da Vida Religiosa afro-americana e caribenha	Antonia Mendes Gomes, ndc
414/Setembro	513	CRB-Regional de Campo Grande-MS celebra quarenta anos	Lenir Teresinha Heinen, cifa

780

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
414/Setembro	515	PROFOLIDER V	Mário César do Amaral, sac
414/Setembro	516	Centro de Renovação Espiritual – CERNE 97	Maria Juçara dos Santos, fdz
415/Outubro	602	XXIII Jornada Mundial da Juventude	Leandro Grass
415/Outubro	605	Aquisição da sede própria da CRB-Regional Brasília	Diretoria Regional CRB-Brasília
415/Outubro	610	Congresso Americano Missionário 3 – COMLA 8	Antonia Mendes Gomes, ndc
415/Outubro	612	Escolhida de Deus, caminha conosco, teus filhos e tuas filhas consagrados(as)	Paulo Petry, fsc
415/Outubro	614	Seminário da CEN	Assessoria Executiva Nacional
416/Novembro	664	Celebração de ação de graças e envio – CRB-Nacional	Luzia Ribeiro Furtado, dfmi
416/Novembro	668	COMLA 8 – CAM 3. América com Cristo, escuta, aprende e anuncia	Cláudio Ambrozio, cs
416/Novembro	675	Cursos de especialização em Teologia da Vida Religiosa Consagrada e Formação	Adelino Pilonetto, ofmcap
417/Dezembro	736	Curso de Teologia para Contemplativas PROFOCO 2004 – 2008	Maria Helenita Sperotto, icm

Artigos

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
409/Jan-Fev	18	“Transmiti-vos o que eu mesmo recebi.” O acesso a Jesus e os evangelhos apócrifos	Cláudio Paul, sj
409/Jan-Fev	32	Reflexões sobre o carisma da Vida Consagrada e dos institutos particulares	Paulinus Yan Olla, msf
409/Jan-Fev	44	Criação e ecologia na Bíblia	Luis I. J. Stadelmann, sj
409/Jan-Fev	57	Algo sobre o que a Vida Consagrada disse em Aparecida	Maria de los Dolores Palencia, hsjl
Especial/Março	71	Novas configurações identitárias entre a Vida Religiosa Consagrada e o contexto sociorreligioso	Marco Antônio Torres, ofmcap
Especial/Março	86	Vida Religiosa e espaços em transformação	Márcio Fabri dos Anjos, cssr
Especial/Março	96	Diga a esta geração: avance!	Moacir Casagrande, ofmcap
Especial/Março	107	Uma época de mudanças. Uma mudança de época. Algumas observações	Inácio Neutzling, sj
Especial/Março	132	Tempo de avançar “em meio ao mar”	Luiz Carlos Susin, ofmcap
Especial/Março	150	Doze perspectivas-chave no <i>Documento de Aparecida</i>	José Oscar Beozzo
Especial/Março	162	A Vida Consagrada e as opções de Aparecida. O que o <i>Documento de Aparecida</i> diz e espera da Vida Consagrada	Vera Ivanise Bombonato, fsp

782

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
Especial/Março	172	Apontamentos sobre a Vida Religiosa inserida em meios populares e em novos espaços de presença solidária	Eurides Alves de Oliveira, icm
Especial/Março	182	Missão profética da Vida Religiosa Consagrada em face dos espaços em transformação	Cleusa Maria Andreatta, idp
Especial/Março	190	——— Celebrar a travessia	Afonso Tadeu Murad, fms
410/Abril	218	“Escolhe, pois, a vida”: fraternidade e defesa da vida. CF 2008	Carlos Mesters, ocarm
410/Abril	239	Ampliar alianças intercongregacionais	João Batista Libanio, sj
410/Abril	256	Grandes questões sociais e ambientais. Interpelações para a Vida Religiosa	José Comblin
411/Maio	286	Mística de “encarnação”. Uma meditação sobre o horizonte	Luiz Carlos Susin, ofincap
411/Maio	295	“Escolhe, pois, o caminho da vida”: reflexões teológicas	Antônio Moser, ofm
411/Maio	313	Simone Weil: uma paixão sem fronteiras	Faustino Teixeira
411/Maio	328	Eucaristia: memorial ou rito sagrado?	Jung Mo Sung
412/Junho	346	Revolução universal do amor, a ética mundial de defesa e promoção da vida	Carlos Josaphat, op
412/Junho	364	A educação em debate. Duas profissões impossíveis: educar e governar	William César Castilho Pereira

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
412/Junho	384	Liturgia na vida das comunidades religiosas hoje	Marco Antônio Moraes Lima, sj
412/Junho	405	CRB em tempo de mudança! Mudança de tempo!	Antônio Aparecido da Silva, fdp
413/Jul-Ago	427	“Ser ou não ser: o religioso do século XXI.” Simplicidade e pobreza	Carlos Palmes, sj
413/Jul-Ago	442	Elementos de reflexão teológica em vista da inserção na caminhada dos empobrecidos e excluídos	Cecília Sodero Pousa, csa
413/Jul-Ago	457	Vida Religiosa a serviço da vida	Antônio Aparecido da Silva, fdp
413/Jul-Ago	468	Como dinamizar a formação diante da mudança de época	Moacir Casagrande, ofmcap
413/Jul-Ago	490	Pessoa e comunidade: desafios e convocações do personalismo contemporâneo	Cristiane Pieterzack, asf
413/Jul-Ago	499	O apóstolo Paulo: os três relatos de sua conversão	Agenor Girardi, msc
414/Setembro	518	“Diga a esta geração: avance!” Aspectos existenciais	Paulo Dullius
414/Setembro	530	Mulheres da Bíblia a serviço da vida. Interpelações à Vida Religiosa	Mercedes Lopes, mjc
414/Setembro	542	Paulo Apóstolo: suas três grandes viagens missionárias	Agenor Girardi, msc
414/Setembro	548	A vida na Bíblia	Luis I. Stadelmann, sj
414/Setembro	565	Do Brasil de batizados ao Brasil de discípulos missionários. Caminhar com Aparecida além de Aparecida	Paulo Suess

784

N./MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR(A)
415/Outubro	616	Vinde e vede. Os primeiros discípulos: André, João e Pedro (cf. Jo 1,35-42)	Agenor Girardi, msc
415/Outubro	622	Espiritualidade da liderança na Vida Consagrada	Joaquim Parron, cssr
415/Outubro	627	Interlocuções entre o processo formativo na Vida Religiosa, a espiritualidade e a psicanálise	José Del-Fraro Filho
415/Outubro	650	O dom da grande pesca. A última aparição de Jesus aponta para o ser missionário da comunidade (cf. Jo 21,1-14)	Paulo Suess
416/Novembro	681	Vem e vê. Os primeiros discípulos: Filipe e Natanael (Jo 1,43-51)	Agenor Girardi, msc
416/Novembro	687	“A humanidade/criação geme com dores de parto.” Dimensão socioambiental do Reinado de Deus	Francisco de Aquino Júnior
416/Novembro	709	O Projeto “Palavra-Vida”, da CLAR, vinte anos depois	Edênio Valle, svd
417/Dezembro	741	O profeta Amós e os direitos humanos	Mauricio Burbano A., sj
417/Dezembro	751	Uma espiritualidade para o nosso tempo. Experiência que brota da palavra de Deus e da contemplação da realidade	Mercedes Lopes, mjc
417/Dezembro	760	Vida Religiosa provisória: um desafio a ser enfrentado	João Mendonça, sdb
417/Dezembro	769	Confissão de um formador	Giovanni Cipriani, cp



CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.